



A Produção de Artigos na Disciplina Direção de Programa de Rádio I¹

Norma Meireles²

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

Resumo:

Este artigo busca analisar o incentivo à produção bibliográfica na área de rádio na graduação de radialismo a partir da experiência da disciplina Direção de Programa de Rádio I. Trata-se de uma pesquisa participante, com relato de experiência, cujo objeto de análise é o conjunto de artigos produzidos por cinco turmas entre 2009 e 2011. O objetivo é observar de que maneira as atividades avaliativas, que incluem a produção de artigo científico, podem contribuir com a pesquisa em rádio no âmbito local e sua consequente influência na produção bibliográfica sobre rádio. Os resultados apontam para a necessidade modificações de algumas estratégias na disciplina, mas confirmam a importância do estímulo à produção de artigos.

Palavras-chave: ensino de rádio; relato de experiência; produção; produção bibliográfica

Ação com reflexão

A investigação social é uma práxis distintiva, um tipo de atividade (como ensinar) que, ao ser executada, transforma a própria teoria e os próprios objetos que a orientam.

Thomas A. Schwandt

Entre as várias questões colocadas por Ferraretto (2009, p. 131) ao pensar o ensino de rádio, uma delas chama mais nossa atenção: “como articular a teoria e a prática na unidade de conhecimento de rádio, não raras vezes encarada como uma área de contornos predominantemente técnicos?” Esse questionamento tem feito parte da nossa prática pedagógica nas disciplinas específicas de rádio no curso de radialismo da Universidade Federal da Paraíba, em especial na disciplina Direção de Programa de Rádio I (DPR I), na qual os alunos não apenas produzem seus próprios programas radiofônicos são incentivados a pesquisarem e produzirem textos sobre programas locais (em especial) e programações de emissoras.

Essa iniciativa de buscar o incentivo à produção de artigos nasceu na tentativa de valorizar os exercícios didáticos, já que de três avaliações adotadas apenas uma, a

¹ Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 14 a 16 de junho de 2012.

² Professora do Curso de Comunicação Social (radialismo) da UFPB, email: norma.meireles@gmail.com.



última, envolvia a produção completa de um programa de rádio (ao todo, há seminários, produção textual e produção de programas, além de atividades em plataforma virtual de aprendizagem (*Moodle*³) da universidade), além de buscar valorizar a autoestima dos alunos discentes, com a possível ampliação e publicação do trabalho; e contribuir com a análise e crítica da produção radiofônica local.

Assim, buscamos, neste trabalho, relatar a experiência desenvolvida a partir de 2009 até o momento. Para isso, analisamos 27 artigos produzidos nos períodos letivos de 2009.1, 2009.2, 2010.1, 2010.2 e 2011.1. Ao todo essas turmas produziram 29 trabalhos, mas dois foram excluídos por plágio. A turma 2011.2 produziu 9 artigos, e a atual, 2012.1 está em processo de pesquisa, ambas não fazem parte desta análise inicial. Além da análise dos textos, fizemos o perfil do aluno a partir de um questionário de entrada aplicado à turma do semestre 2011.1

A disciplina, os discentes e suas preferências

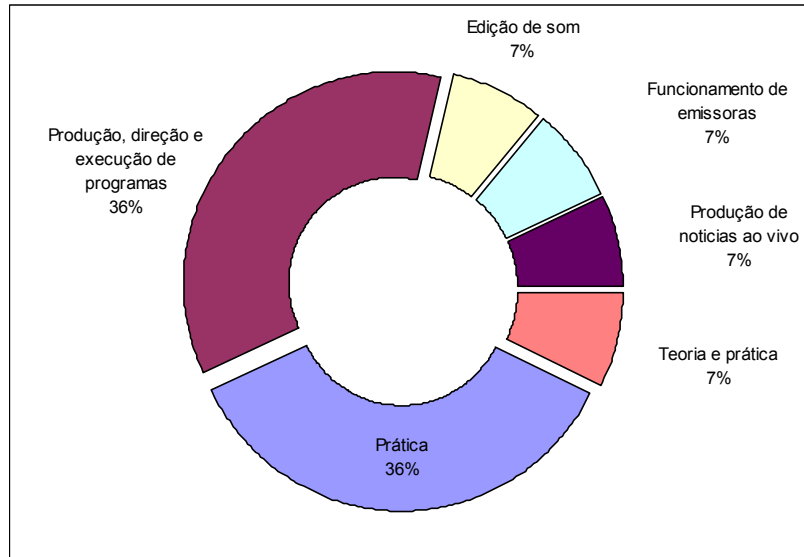
Direção de Programa de Rádio I é uma disciplina obrigatória do quinto período, tem como pré-requisito Elementos de Linguagem Musical e Sonoplastia e é pré-requisito para Direção de Programa de Rádio II. É nesta última que os alunos do curso participam da produção e veiculação de programas semanais em uma emissora local conveniada com a Universidade Federal da Paraíba, a Rádio Tabajara AM. A grande maioria chega em Direção de Programa de Rádio I ávida por prática, reclamando que o curso até aquele momento tem sido muito teórico, como podemos confirmar no gráfico 1, que mostra a expectativa da turma do período letivo 2011.1, em questionário de entrada respondido no primeiro dia de aula, antes mesmo de os alunos terem conhecimento do programa da disciplina.

Obviamente, há prática, mas ela necessita de boa base teórica, inclusive porque o objetivo é proporcionar ao aluno conhecimentos para produzir e dirigir programas de rádio nos seus mais variados gêneros e formatos radiofônicos. Obras como *Gêneros radiofônicos. Os formatos e os programas em áudio* (2003), de André Barbosa Filho; *Produção de rádio. Um guia abrangente de produção radiofônica* (2001), de Robert McLeish; *Produção de rádio. Um manual prático* (2006), de Magaly Prado e *Rádio.*

³ “O Moodle é um Course Management System (CMS), também conhecido como Learning Management System (LMS) ou Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). Ele é um aplicativo web gratuito que os educadores podem utilizar na criação de sites de aprendizado eficazes”. Informação disponível em: <http://moodle.org/>. Acesso em: 01 fev. 2012.

Produção, programação e performance (2010), de autoria de Carl Hausman (at alli) fazem parte da bibliografia da disciplina.

Gráfico 1 - Expectativa em relação à disciplina DPR I

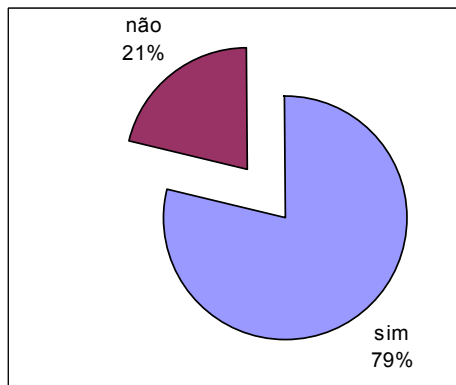


Fonte: Pesquisa direta

No questionário aplicado, a pergunta relativa ao interesse do alunado era uma pergunta aberta, de modo que o que temos acima é uma categorização a partir de respostas espontânea. Interessante observar que apenas 7 por cento se refere à junção da teoria e com a prática e 36 por cento diz desejar que a disciplina seja prática. Entretanto, se observarmos as outras categorias, elas materializam o imaginário de algo funcional, laboratorial.

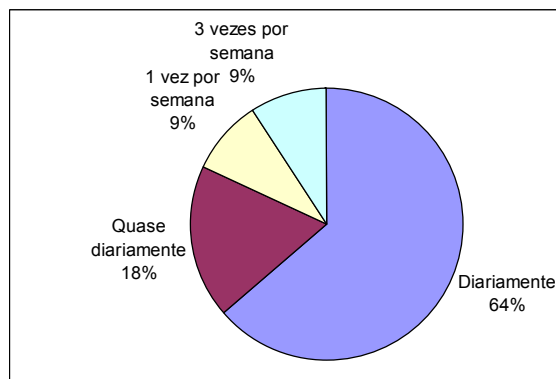
A grande maioria da turma, 79 por cento, afirma ouvir rádio (ver gráfico2). Entre os discentes com resposta afirmativa, 54 por cento escuta rádio todo dia, os que dizem ouvir rádio uma vez por semana somam 9 por cento (ver gráfico 3).

Gráfico 2 – costuma ouvir rádio



Fonte: Pesquisa direta

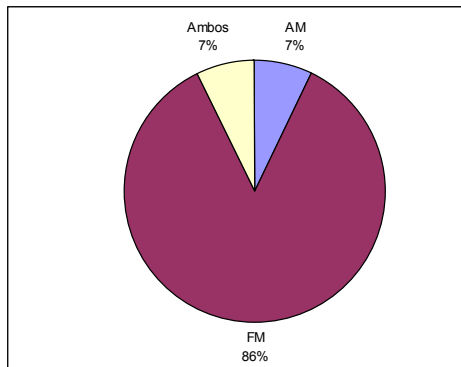
Gráfico 3 –Frequência da audição de rádio



Fonte: Pesquisa direta

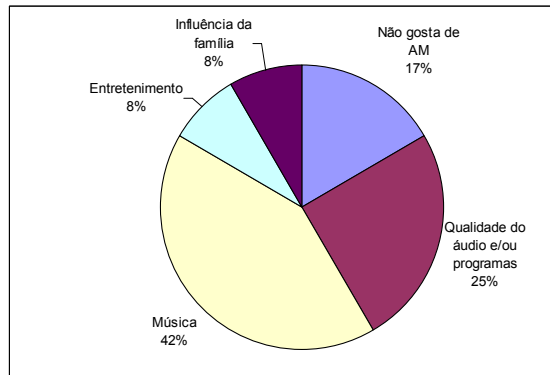
Ainda investigando o perfil do alunado quanto aos modos de ouvir rádio, descobrimos que apenas 7 por cento gosta mais das emissoras AM, outros 7 por cento declarou gostar de ambas e a maioria esmagadora prefere FM (ver gráfico 4).

Gráfico 4 – Audição de AM e/ou FM



Fonte: Pesquisa direta

Gráfico 5 – Motivos da preferência por FM

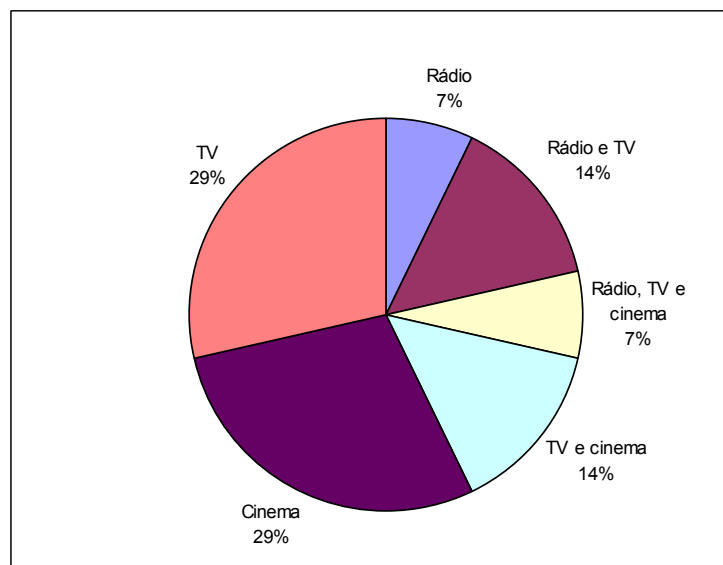


Fonte: Pesquisa direta

Quando questionados sobre o hábito de ouvir FM, 17 por cento menciona não gostar do rádio AM, 25 por cento associa a audição do rádio FM à uma melhor qualidade do som e de programação. Chama atenção a menção à influência da família, 08 por cento. Juntos, entretenimento e música somam 50 por cento, com grande vantagem para esta última (ver gráfico 5).

Mas ouvir rádio todo dia, ou quase todo dia, não significa almejar aprofundar estudos e/ou trabalhar com rádio dentro do curso e no mercado de trabalho. É o que podemos ver no gráfico 6.

Gráfico 6 – Preferência no curso de radialismo



Fonte: Pesquisa direta

Apenas para 7 por cento o rádio é o meio preferido. Esse percentual é ampliado para 28 por cento se levarmos em conta a preferência combinada com TV e cinema. No questionário apenas uma opção deveria ser marcada, mas obtivemos respostas múltiplas, gerando categorizações associadas, como podem ser conferidas acima.

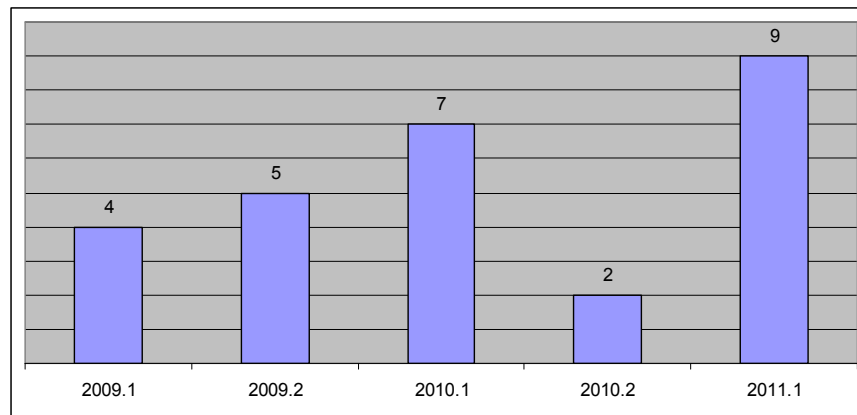
Esse encantamento maior com a TV e o cinema não é característica apenas desta turma em específico, é algo já percebido em outras turmas. Algo explicitado no cotidiano das aulas, nas resistências iniciais a cada semestre, o que nos dá pistas para trabalharmos mais para quebrar barreiras e preconceitos quanto ao pensar e fazer rádio na academia. Saliente-se também que o rádio é preterido pelos alunos de radialismo na Paraíba devido, inclusive, a fatores que envolvem o mercado de trabalho na área, a exemplo de baixos salários e até mesmo o grande número de pessoas sem formação superior ocupando posição de destaque ao microfone.

Ocasionalmente há grupos de estudantes que demonstram grande interesse pelo rádio, é o caso da turma do período letivo 2010.1. Silva e Meireles (2010) identificaram interesse pelo meio rádio em 42 por cento do grupo, seguido pela TV e pelo cinema com 38 por cento e 20 por cento, respectivamente.

A produção de artigos

Como já dissemos antes, de um corpus inicial de 29 artigos, dois foram desconsiderados por serem cópias da internet. No gráfico 7 temos a distribuição de artigos por semestre letivo.

Gráfico 7 - Número de trabalhos por semestre letivo



Fonte: Pesquisa direta



Dos quatro textos de 2009.1, dois foram individuais e dois em dupla. Os referentes à 2009.2, um foi feito em trio e quatro foram individuais. Houve um aumento de quantitativo em 2010.1 e dos sete artigos entregues, três foram individuais, três em dupla e um em trio. Em 2010.2 registramos dois trabalhos em dupla (a seguir explicaremos a relação entre número de alunos / número de artigos/ artigos do corpus) e finalmente no período letivo 2011.1 tivemos nove trabalhos, sendo três individuais e seis em dupla.

Se considerarmos a média de alunos matriculados por semestre, que é de vinte (MEIRELES, 2011), na maioria dos semestres a produção tem ficado aquém do desejado, mesmo com a estratégia de produção a quatro ou a seis mãos. Em 2009.1 vários alunos preferiam repor a atividade de produção textual com prova, mas com o passar o tempo adotamos duas datas, uma considerada a primeira chamada e outra a segunda, fazendo com que a produção aumentasse em 2011.1. Inicialmente era exigido apenas a entrega da versão impressa da atividade, devolvida ao aluno com as devidas observações da professora como incentivo para correções e ampliações para possíveis publicações em eventos ou em revistas acadêmicas. Essa estratégia se mostrou ineficiente porque no semestre seguinte (já em DPR II) muitos haviam perdido a versão comentada pela docente, e até mesmo o arquivo original, dificultando a melhoria qualitativa dos trabalhos, como objetivo de publicação. Passamos a solicitar a entregar de uma versão impressa e outra digital, a ser postada no ambiente virtual da disciplina. Com isso, para cada trabalho entregue era devolvida uma cópia comentada pela docente.

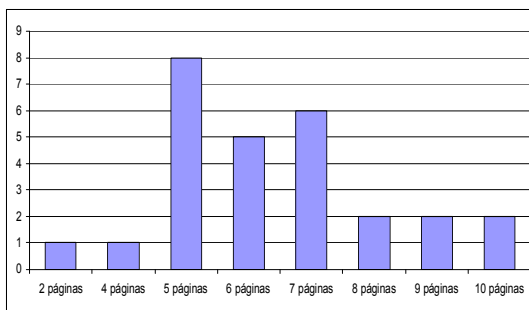
O semestre 2010.2 foi atípico porque embora não tenha ultrapassado quantitativamente o semestre anterior, apenas dois artigos foram entregues na versão digital e puderam ser considerados na amostra estudada. Em todos os períodos os números correspondem ao quantitativo efetivamente produzido.

Nesse processo de incentivo ao início da produção bibliográfica em rádio em uma disciplina da graduação em radialismo, os discentes são informados logo no início do período letivo sobre o que podem pesquisar, tendo pelo menos quatro possibilidades: a) escolher um formato de programa estudado nos seminários e comparar com o que ouvimos no rádio paraibano; b) comparar dois programas do mesmo gênero, mas em emissoras diferentes; c) visitar uma emissora, acompanhar um programa ao vivo, observar o trabalho da produção e direção e analisar o trabalho; d) descrever e analisar a programação de uma emissora AM ou FM. Assim, buscamos unir teoria, prática e o

exercício da criticidade. Com diz Schwandt (2006, p.195), “a ação e o pensamento, a prática e a teoria, estão ligadas em um processo contínuo de reflexão crítica e transformação.” Também concordamos com Ferraretto (2009, p. 133) sobre a necessidade de “ponderar o momento da teoria, o momento da prática e o momento de relacionar ambas”, quando nos referimos a formação acadêmica na área de rádio.

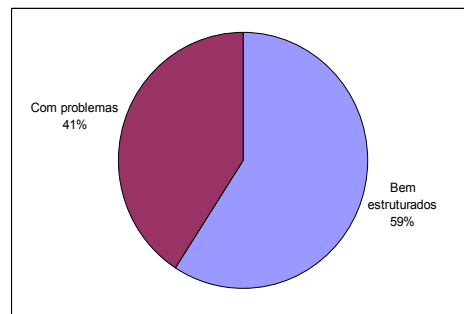
No gráfico 8 é possível observar os dados dos textos quanto ao número de páginas, alguns abaixo do número mínimo de páginas exigidas: cinco. O que entendemos como dificuldade no exercício tanto da escrita científica quanto no desenvolvimento do pensamento crítico e articulador da teoria e a pratica na disciplina, já que os objetos de estudo deveriam ser programas e/ou programações de emissoras locais, de preferência.

Gráfico 8 - Número páginas apresentadas



Fonte: Pesquisa direta

Gráfico 9 - estrutura do trabalho



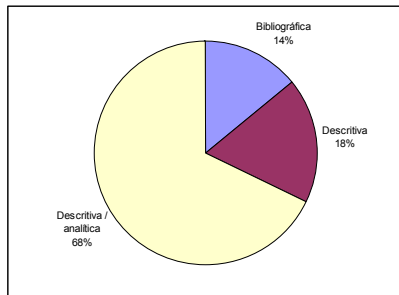
Fonte: Pesquisa direta

Em percentual temos: 30 por cento com o mínimo de páginas, 7 por cento com menos de 5 páginas, e 63 por cento variando entre seis e dez páginas. Mas como quantidade necessariamente não se traduz em qualidade, a análise de toda a amostra nos apontou diversos problemas, em especial quanto à estrutura dos textos.

Entendemos que todos os artigos apresentados necessitavam de ajustes em maior ou menor grau. Assim, a categoria *bem estruturado* engloba os textos com objeto de estudo bem definido, estrutura lógica plausível, com fundamentação teórica de boa a razoável, mesmo com problemas referentes à ABNT, já que o objetivo, como já foi exposto anteriormente, sempre foi fazer de um dos exercícios didáticos da disciplina um incentivo ao início da produção bibliográfica em rádio, com ajustes e ampliações posteriores à disciplina. Na categoria *com problemas* estão os trabalhos com estrutura incompleta, sem conclusão, por exemplo; com fundamentação teórica deficitária, sem clareza quanto ao objeto de estudo.

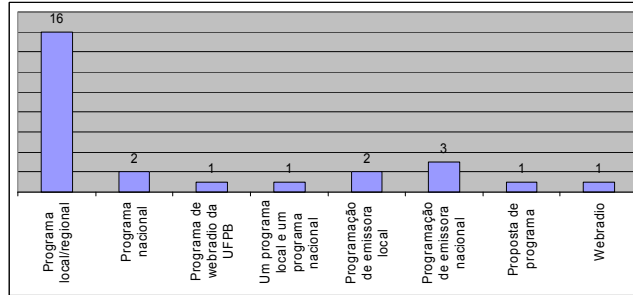
Também buscamos categorizar os tipos de pesquisa encontrada. Optamos por deixar tudo em apenas três grandes categorias: bibliográfica, descritiva, e descritiva/analítica (ver gráfico 10).

Gráfico 10 - Tipos de pesquisa



Fonte: Pesquisa direta

Gráfico 11 – objetos de estudo



Fonte: Pesquisa direta

Para nós todo artigo envolve necessariamente uma pesquisa bibliográfica, mas observamos que 14 por cento era puramente bibliográfico, não chegando nem mesmo a ser bibliográfico e documental. Marconi e Lakatos (2005) observam que a pesquisa bibliográfica pode envolver tudo já divulgado sobre um assunto a ser pesquisado; por isso, vai desde publicações isoladas, passando por livros, revistas, monografias e material cartográfico até meios de comunicação sonora e/ou audiovisual. Já a pesquisa documental, de acordo com Gil (1999), é caracterizada quando há consulta a arquivos, relatórios, reportagens de jornais, entre outros.

Na categoria de pesquisa descritiva estão os trabalhos que descrevem seus objetos de pesquisa, no caso, programas e/ou programações de emissoras radiofônicas. Logo, a terceira categoria, a descritiva/analítica abrange textos que foram além da simples descrição passando para uma reflexão acerca objeto estudado.

Considerando que um dos objetivos da atividade da disciplina era a reflexão acerca da produção local de rádio, podemos observar no gráfico 11 que a grande maioria dos artigos elegeu um programa local ou regional como objeto de estudo; em percentual seria 59 por cento. Se acrescentarmos a análise de um programa da web rádio da UFPB, esse percentual sobe para 63 por cento. Tivemos também análise de programações de emissoras locais e nacionais, inclusive trabalho com análise comparativa entre emissoras.



Publicados e/ou com potencial

Podemos citar pelo menos seis trabalhos iniciados em DPR I que foram ampliados e publicados até o momento: *Descrição e análise de parte da programação da rádio Cabo Branco FM* (2010), de autoria de Virginia Oliveira Silva; *Diversità: uma experiência na interação das ferramentas digitais e a radiodifusão na Paraíba* (2010); de Marcelo Soares de Lima; *Bola na rede: análise da programação esportiva da Rádio Tabajara* (2010), de Bruno Ribeiro Nascimento e Gyl Dayanna Alves de Carvalho; *CBN Esporte Brasil: quinze anos de informação* (2010), tendo como autores Aline Maria Miguel Oliveira e Luis Carlos Roque da Fonseca; *A Difusão da Cultura Brega no Programa Bandeira 2* (2010), de Cybele Soares e Sandrine Braz; e *Descrição e análise do programa calcinhas da Web Rádio Intercampus* (2011), de Thâmara Sousa Roque dos Santos Sousa e Esther Karla Afonso Santos. Todos com orientação da docente de DPR I.

Este número ainda é pequeno ao considerarmos o corpus de 27 trabalhos “básicos”, sem correções e ampliações. O fato é que muitos têm um potencial considerável a ser desenvolvido, mas essa ganho qualitativo depende muito da iniciativa do estudante após o retorno da docente com as observações e incentivos para a realização das alterações necessárias. Infelizmente, após a entrega inicial da atividade a qual é atribuída uma das notas da disciplina DPR I parece não haver, por parte da maioria, interesse ou fôlego para seguir adiante.

Contudo, vale ressaltar, que para os que levam a ideia adiante há resultados positivos, como podemos confirmar nos depoimentos dos ex-alunos, hoje já graduados. Sandrine Braz (em depoimento a autora via e-mail, 2012), recém ingressa no Mestrado de Ciência da Informação na UFPB, por exemplo, destaca a importância da formação teórica para a concretização de uma boa prática:

Enquanto aluna da disciplina Direção de Rádio I pude ver o os anseios e os desejos de discentes em ter uma visão mais aproximada do mercado de trabalho, a partir das produções técnicas radiofônicas. Contudo, a produção bibliográfica é um fator indispensável e primordial para qualquer profissional da área da comunicação, não só para aqueles que querem seguir a vida acadêmica, mas sobretudo para os que almejam ingressar no mercado de trabalho. Pois, um profissional qualificado é aquele que se embasa teoricamente para produzir bons produtos midiáticos, alicerçados na teoria. Nesse quesito, a disciplina de Direção de Rádio I proporcionou que o alunado fizesse uso de teoria e prática.



Thâmara Roque Sousa (em depoimento a autora via e-mail, 2012) fala do incentivo à produção científica na disciplina:

Acho o incentivo à produção bibliográfica muito importante, onde os alunos podem fazer uma ponte do que vivência com a academia. Na disciplina Direção de Programa de Rádio I pude a partir de leituras, desenvolver e produzir com mais eficácia as atividades que fui submetida. Foi a primeira disciplina que me motivou a desenvolver artigos e participar de congressos, e isso foi bastante considerável para minha vida acadêmica.

Além de aluno, Marcelo Soares de Lima também foi monitor da Disciplina DPR I. Ele é jornalista, está concluindo o curso de radialismo e acabou de ingressar no Mestrado de Comunicação da UFPB. Para Lima (em depoimento a autora via e-mail, 2012):

O incentivo a produção bibliográfica no curso de graduação em Comunicação é algo importante e necessário, pois, em geral, os cursos, professores e alunos se preocupam muito mais com a parte técnica, prática das atividades comunicacionais do que teóricas, analíticas. Não que não se tenha teoria ao longo do cronograma do curso, contudo, é notadamente perceptível uma inclinação em Rádio e TV pela preferência na prática seja como repórter, editor, redator, diretor, principalmente vindo dos alunos. Assim, repassar os conhecimentos de produção acadêmica científica teórica com um viés de aplicabilidade em uma análise empírica aguça e amplia não só a mente do alunado, mas também a credibilidade científica do curso, das disciplinas e professores envolvidos.

Nossa participação nesse processo foi deveras proveitosa, haja vista termos realizado um artigo para disciplina de Programa de Rádio I, que após sua avaliação foi agregado a uma edição da revista Palavar. Essa experiência em muito contribuiu para meu crescimento acadêmico e processo de reflexão sobre o fazer científico, auxiliando em escolhas e novas experiências que me levaram a estar atualmente em um programa de pós-graduação em Comunicação.

Bruno Ribeiro Nascimento (em depoimento a autora via e-mail, 2012) confirma a importância desse “pontapé” inicial dado pela disciplina em questão. Para ele, a atividade ajudou a criar hábitos de sistematização e produção de conhecimento, embora ele tenha encontrado algumas dificuldades iniciais.

A disciplina de Direção de Rádio I foi uma das únicas no curso que incentivou os alunos a escreverem um artigo científico. Foi a partir daí que tomei, sistematicamente, gosto pela produção acadêmica. No artigo que escrevi sobre rádio, encontrei certa dificuldade porque o



material sobre radialismo, quando comparado com outras áreas como internet, cinema e mídia impressa, não é nada vasto. Por outro lado, o legal é escrever numa área em que a produção acadêmica não é ‘fechada’, o que dá alguma liberdade para compreender melhor a prática.

Esses depoimentos nos impulsionam, aliás, todas as informações que temos, seja a partir de instrumentos como questionários, e depoimentos, da análise dos artigos e até mesmo do cotidiano da sala de aula nos dão elementos para (re)avaliarmos nossa prática do ensino de rádio em que teoria e prática dialoguem.

Algumas considerações

No caminho que trilhamos até aqui, entendemos que temos muitos desafios quanto à busca contínua da construção de um agir e pensar associados, em especial quando nos referimos ao rádio, meio que nos seus noventa anos de existência no Brasil já passou por momentos áureos, a chamada “época de ouro”, passou por várias reestruturações a partir do surgimento de outros meios de comunicação, ou por fatores tecnológicos, inclusive o que está porvir com a digitalização, ao mesmo tempo em que há uma metamorfose do rádio na internet.

Neste relato de experiência em simbiose com pesquisa participante podemos inferir que é necessário, sim, fortalecer a pesquisa acadêmica no interior de disciplinas, como no caso de DPR I, como estratégia para uma práxis crítica e autocrítica embasada no campo teórico que a sustenta. Isso não é um trabalho fácil, tendo em vista a rejeição inicial da ideia de escrever um artigo em uma disciplina em que a grande maioria anseia por a mão na massa, ou melhor, em mesas de áudio, computadores, microfones, em detrimento de leituras associadas a audição e análise de programas radiofônicos e/ou análise de programações, fundamentais para o bom desempenho do trabalho de direção em rádio.

O grande quantitativo de artigos não ampliados após a disciplina aponta para a necessidade de mudanças quanto aos prazos estabelecidos para orientações individualizadas e retorno dos comentários e sugestões após a entrega da versão final do trabalho. Muitos encaram apenas com uma obrigação a ser cumprida, o que é lamentável. Poderia ser uma atividade investigativa e reflexiva, estimulante e acima de tudo prazerosa, tanto quanto produzir e veicular um programa radiofônico.



Referências:

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos**. Os formatos e os programas em áudio. São Paulo: Paulinas, 2003.

BRAZ, Sandrine. **Depoimento**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <norma.meireles@gmail.com> em 02 maio de 2012.

FERRARETTO, Artur. Ensino de rádio: uma proposta pedagógica no contexto da multiplicidade da oferta. **Revista Brasileira de Ciência da Comunicação**. v.32, n.2, jul./dez. São Paulo: Intercom, 2009. p. 129-143.

GIL, A.C. Métodos e Técnicas de Pesquisa em Educação Ambiental. In: PHILIPPI JR; PELICIONI, M.C.F. (Ed.). **Educação ambiental e sustentabilidade**. Barueri: Manole, 2005.

HAUSMAN, Carl; MESSERE, Fritz; O'DONNELL, Lewis; BEINOIT, Philip. **Rádio**. Produção, programação e performance. Tradução da 8ª edição norte-americana. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

LIMA, Marcelo Soares de. Programa Diversità: uma experiência na interação das ferramentas digitais e a radiodifusão na Paraíba. . **Palavrar**. v. 1, n 1, 2010. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/palavrar/article/viewFile/4533/3404>. Acesso em: 10 jul. 2011.

LIMA, Marcelo Soares de. **Depoimento**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <norma.meireles@gmail.com> em 03 maio de 2012.

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2005.

MCLEISH, Robert. **Produção de rádio**. Um guia abrangente de produção radiofônica. São Paulo: Summus, 2001.

MEIRELES, Norma. Plano de ação B. In: MEIRELES, Norma. **Projeto Zona Livre**. Projeto de ensino – monitoria 2011-2/2012. Programa de Monitoria. Pró-Reitoria de Graduação/ Coordenação de Monitoria. UFPB, 2011.

NASCIMENTO, Bruno Ribeiro; CARVALHO, Gyl Dayanna Alves de. Bola na rede: análise da programação esportiva da Rádio Tabajara. **Palavrar**. v. 1, n 1, 2010. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/palavrar/article/viewFile/4536/3407>. Acesso em: 10 jul. 2011.

NASCIMENTO, Bruno Ribeiro. **Depoimento**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <norma.meireles@gmail.com> em 04 maio de 2012.

OLIVEIRA, Aline Maria Miguel; FONSECA, Luis Carlos Roque da. CBN Esporte Brasil: quinze anos de informação. **Palavrar**. v. 1, n 1, 2010. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/palavrar/article/viewFile/4537/3408>. Acesso em: 10 jul. 2011.



PRADO, Magaly. **Produção de rádio**. Um manual prático. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

SCHWANDT, Thomas A. Três posturas epistemológicas para a investigação qualitativa: interpretativismo, hermenêutica e construcionismo social. In: DENZIN, Norman K; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto alegre: Artmed, 2006. p.193-217.

SILVA, Ingrid Morgana Feijó da; Norma, MEIRELES. A monitoria na disciplina Direção de Programa de Rádio I. **ANAIS XIII Encontro de Iniciação à Docência**. João Pessoa: PRAC/ UFPB, 2010. disponível em: http://www.prac.ufpb.br/anais/XIIENEX_XIIIENID/ENID/MONITORIA/resumos_06.html. Acesso em: 03 maio 2012.

SILVA, Virgínia de Oliveira. Descrição e análise de parte da programação da rádio Cabo Branco FM. **Palavrar**. v. 1, n 1, 2010. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/palavrar/article/viewFile/4535/3406>. Acesso em: 10 jul. 2011.

SOARES, Cybele; BRAZ, Sandrine; MEIRELES, Norma. A Difusão da Cultura Brega no Programa Bandeira 2. **ANAIS Intercom nordeste**, 2010. Campina Grande. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2010/resumos/R23-0495-1.pdf>. Acesso: 10 jul. 2011.

SOUSA, Thâmara Roque dos Santos; SANTOS, Esther Karla Afonso; MAFALDO, Norma Maria Meireles Macêdo. Descrição e análise do programa calcinhas da Web Rádio Intercampus. **ANAIS XII ENEX UFPB**. Disponível em: http://www.prac.ufpb.br/anais/XIIENEX_XIIIENID/ENEX/PROBEX/Completos/1/1CCHLADCPE01.doc. Acesso em: 10 jul. 2011.

SOUSA, Thâmara Sousa Roque dos Santos. **Depoimento**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <norma.meireles@gmail.com> em 02 maio de 2012.